

## O HOMEM DA MULTIDÃO – E. A. Poe

Ce grand malheur, de ne pouvoir être  
seul.

(Essa grande infelicidade de não poder  
estar só.)

LA BRUYÈRE

**D**iz-se, e justificadamente, de certo livro alemão, que «es lässt sich nicht lesen» — não se deixa ler. Há determinados segredos que não se deixam desvendar. Existem homens que morrem de noite na cama, apertando entre as suas as mãos de espectrais confessores, olhando-os lastimavelmente nos olhos, que morrem com o desespero no coração e convulsões na garganta em virtude do horror de mistérios que não se prestam a ser revelados. De vez em quando —ai de nós! — a consciência do homem carrega um tão pesado fardo de horror que só no túmulo consegue libertar-se dele. E assim fica por divulgar toda a essência do crime.

Não há muito tempo, perto do final de uma tarde de Outono, estava eu sentado junto da ampla janela saliente do Café D..., em Londres. Havia alguns meses que me encontrava doente, mas nessa altura estava já em convalescença e, recobradas as forças, possuía-me um daqueles ditosos estados de espírito que constituem tão rigorosamente o oposto do ennui (Em francês no original: tédio, aborrecimento), estados de espírito da mais viva apetência, em que o véu que tolda a acuidade mental se dissipa e o intelecto, electrizado, ultrapassa tão extraordinariamente a sua condição quotidiana, como a vivida, embora ingénua, razão de Leibniz a louca e frívola retórica de Górgias. O simples respirar era motivo de agrado; e até em muitas das legítimas causas de dor descobria um positivo prazer. Sentia um interesse sereno mas curioso por todas as coisas. Com um charuto na boca e um jornal no regaço, passara a maior parte da tarde entretido, ora contemplando atentamente os anúncios, ora observando a promíscua multidão que enchia o salão, ora espreitando a rua através dos vidros fuliginosos.

Esta rua é uma das principais artérias da cidade; e estivera todo o dia pejada de pessoas. Porém, à medida que a escuridão caía, a multidão aumentava a cada momento e, na altura em que todos os candeeiros se acenderam, duas constantes e densas vagas de pessoas cruzavam a porta. Nunca havia estado em situação semelhante naquele período específico da tarde e, assim, o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma nova e deliciosa emoção. Com o decorrer do tempo, deixei de prestar atenção ao que se passava no interior do hotel e quedei-me absorto na contemplação da cena exterior.

A princípio, as minhas observações tomaram um curso abstracto e generalizante. Olhava os transeuntes em cachos, e considerava-os nas suas relações globais. Em breve, porém, desci aos pormenores e passei a contemplar com minucioso interesse as inúmeras variantes de figura, de traje, de aspecto, de andar, de rosto e de expressão fisionómica.

A grande maioria dos que passavam tinha um porte convencido e grave e parecia pensar apenas em abrir caminho por entre a multidão. Franziam as sobrancelhas e os seus olhos giravam rapidamente de um lado para o outro; quando eram empurrados por outros transeuntes, não revelavam indícios de impaciência; antes compunham a roupa, seguindo prontamente o seu caminho. Outros, também em número elevado, tinham movimentos inquietos, rostos corados, e falavam e gesticulavam de si para si, como que sentindo-se sós por virtude da própria densidade da multidão que os cercava. Quando alguém lhes tolhia o passo, estas pessoas paravam subitamente de murmurar, mas redobravam de gestos e aguardavam, com um sorriso ausente e forçado nos lábios, que passasse a gente que lhes barrava a passagem. Se eram empurrados, faziam grandes vénias a quem os empurrava, e pareciam perfeitamente dominados pela maior das confusões. Não havia nada que distinguisse apreciavelmente as duas espécies, para além do que acabo de referir. A sua maneira de vestir pertencia ao género que se define exactamente pelo termo «decente». Eram sem dúvida nobres, comerciantes, advogados, lojistas, jogadores da bolsa - os eupátridas e o trivial da sociedade —, homens sem ocupação e homens activamente embrenhados nos seus assuntos pessoais, que dirigiam negócios sob sua exclusiva responsabilidade. Não me despertavam grande atenção.

A raça dos empregados era bem visível, e nela eu distinguia duas nítidas divisões. Havia os empregados menores de casas de grande aparato — jovens cavalheiros de casacos justos, botas luzidias, cabelos cheios de brilhantina e lábios arrogantes. À parte uma certa garridice no porte, a que poderei chamar do género caixeiro, à falta de melhor termo, o tipo destes indivíduos parecia-me ser um exacto fac-símile do que fora o supra-sumo do *bon ton* doze ou dezoito meses atrás. Trajavam os adornos de refugo das pessoas finas; e isto, creio eu, pressupõe a melhor definição de tal classe.

O grupo dos empregados superiores de firmas sólidas, ou seja, dos steady old fellows, saltava aos olhos. Eram reconhecíveis pelos casacos e calças pretos ou castanhos, talhados de modo a assentarem confortavelmente, gravatas e coletes brancos, sapatos largos e de ar sólido e peúgas ou polainas grossas. Todos eles eram ligeiramente calvos e apresentavam a estranha particularidade de terem a orelha direita mais saliente, devido ao longo hábito de servir de suporte à pena. Notei que tiravam ou colocavam sempre o chapéu com ambas as mãos e usavam relógio, com curtas correntes de ouro de modelo resistente e antigo. A sua affectação era a da respeitabilidade, se é que pode existir affectação de tal modo honrosa.

Havia muitos indivíduos de aspecto janota, que facilmente compreendi pertencerem à raça dos carteiristas elegantes, que infestam todas as grandes

idades. Observei com grande curiosidade esta espécie de gente e pareceu-me difícil conceber como podiam alguma vez ser tomados por cavalheiros pelos cavalheiros propriamente ditos. O aspecto volumoso das suas cinturas, aliado a um ar de excessiva franqueza, devia traí-los de imediato.

Os jogadores, dos quais distingui um bom número, eram ainda mais facilmente reconhecíveis. Usavam toda a gama de trajes, desde o do escroque rufião, de colete de veludo, lenço de pescoço de fantasia e botões de punho de filigrana, até ao do clérigo escrupulosamente modesto, menos susceptível do que ninguém de despertar qualquer suspeita. No entanto, todos eles podiam distinguir-se por um certo tom trigueiro da pele flácida, uma leve opacidade do olhar e lábios pálidos e comprimidos. Havia, além destas, duas outras características através das quais me era sempre possível detectá-los: um comedido tom abafado ao falarem e uma extensão maior do que o comum do polegar numa direcção perpendicular aos outros dedos. Frequentemente, em companhia destes vigaristas, observava um tipo de homens de hábitos um tanto diferentes, conquanto se tratasse ainda de aves da mesma pena. Podem definir-se como cavalheiros que vivem do seu expediente. Parecem atacar o público em dois batalhões distintos — o dos janotas e o dos militares. São características principais do primeiro os cabelos e sorrisos longos; do segundo, os sobretudos com alamares e cenhos franzidos.

Descendo na escala daquilo a que costuma chamar-se a classe elevada, ofereceram-se-me temas de especulação mais obscuros e profundos. Vi vendedores ambulantes judeus, cujos olhos de falcão cintilavam em fisionomias onde os traços restantes revelavam tão-só uma expressão de abjecta humildade; mendigos profissionais lançando olhares carregados a pedintes de melhor condição, que só o desespero lançara nas trevas da noite em busca da caridade; débeis e espectrais inválidos, sobre os quais a morte tinha já cravado firmemente as garras, caminhando vacilantes e de esguelha por entre a multidão e olhando toda a gente implorativamente no rosto, como procurando algum conforto de ocasião, alguma esperança perdida; jovens modestas que regressavam de um trabalho aturado e tardio para um triste lar, e que se encolhiam, mais lacrimosas do que indignadas, sob os olhares dos atrevidos cujo contacto directo nem sequer logravam evitar; mulheres de mau porte de todos os tipos e idades — a beleza indiscutível no apogeu da sua feminilidade, fazendo lembrar a estátua de Luciano, cuja superfície era de mármore pário mas tinha o interior recheado de lixo; a repugnante leprosa, irreversivelmente perdida; a bruxa enrugada, coberta de jóias e de pintura, num último esforço para agarrar a juventude; a simples criança de formas ainda imaturas e contudo, por influência do longo convívio, afeita já aos terríveis coquetismos da profissão, ambicionando fanática e febrilmente por enfileirar em pé de igualdade com as suas companheiras de vicio mais velhas; e bêbados indescritíveis e em inumerável quantidade, uns esfarrapados e cobertos de remendos, cambaleantes, desarticulados, de rosto pisado e olhos baços; outros completamente vestidos, embora sujos, com um andar afectado levemente vacilante, grossos lábios sensuais e rosto rubicundo e franco; outros ainda trajando tecidos que outrora haviam sido de boa qualidade, e que mesmo agora se

apresentavam escrupulosamente escovados; e homens que caminhavam com passo mais firme e mais elástico do que o normal, mas de fisionomias atterradoramente pálidas, de olhos assustadoramente selvagens e vermelhos, e que se aferravam com dedos trémulos, ao passarem no meio da multidão, a todos os objectos que tinham à mão; e, além destes, vendedores de pastéis, moços de recados, carregadores de carvão, limpa-chaminés, tocadores de realejo, demonstradores de macacos e cantores ambulantes, os que vendiam letras juntamente com os que cantavam; artesãos andrajosos e trabalhadores exaustos de todo o género, todos eles animados de uma ruidosa e desordenada vivacidade que soava desagradável e discordantemente aos ouvidos e provocava nos olhos uma sensação dolorosa.

A medida que as trevas da noite se adensavam, adensava-se igualmente em mim o interesse pela cena; isto porque não só o carácter geral da multidão se alterava materialmente (esvaindo-se os seus traços mais nobres com o desaparecimento gradual da parte mais composta da população e passando a sobressair mais ousadamente os seus membros mais grosseiros, à medida que o adiantado da hora fazia sair do seu antro todas as espécies de infâmia), mas também porque os raios dos candeeiros a gás, inicialmente débeis na sua luta contra a luz agonizante do dia, tinham acabado por conquistar a predominância e agora lançavam sobre todas as coisas um brilho caprichoso e muito vivo. Tudo era escuro, mas mesmo assim esplendoroso — tal como o ébano a que foi comparado o estilo de Tertuliano.

Os estranhos efeitos da luz levaram-me a examinar o rosto de cada pessoa; e, apesar de a rapidez com que esse mundo de luz se escapava diante da janela me impedir de lançar mais do que um fugaz relance a cada uma das fisionomias, parecia-me de qualquer modo que, no meu singular estado mental do momento, podia frequentemente detectar, mesmo nesse breve intervalo de um relance, a história de longos anos.

Com a testa comprimida de encontro ao vidro, entretinha-me deste modo a contemplar a multidão, quando subitamente se me deparou uma fisionomia (a de um velho decrépito, dos seus sessenta e cinco ou setenta anos de idade) que imediatamente me atraiu e monopolizou a atenção, dada a absoluta idiosincrasia da sua expressão. Nunca havia visto coisa que se parecesse, mesmo que remotamente, com tal expressão. Lembro-me perfeitamente de que a minha primeira ideia, ao aperceber-me dela, foi que Retzch, se a visse, a preferiria de longe às suas próprias encarnações pictóricas do Demónio. Enquanto me esforçava, durante o breve momento da minha pesquisa inicial, por analisar de algum modo o significado que ela transmitia, surgiram-me confusa e paradoxalmente no espírito as noções de grande capacidade mental, de precaução, de rhesquinhez, de avareza, de frieza, de maldade, de sede de sangue, de triunfo, de contentamento, de extremo terror, de intenso — de profundo desespero. Senti-me estranhamente excitado, surpreso, fascinado. «Que estranha história», disse para comigo, «está inscrita naquele peito!» Sobreveio-me um desejo ardente de não perder o homem de vista — de ficar a saber mais sobre a sua pessoa. Envergando precipitadamente

o sobretudo e pegando no chapéu e na bengala, dirigi-me para a rua e abri caminho por entre a multidão no sentido que o tinha visto tomar, pois ele já desaparecera. Com alguma dificuldade, consegui finalmente descobri-lo, aproximei-me e segui-o de perto, mas cautelosamente, de modo a não lhe despertar a atenção.

Dispunha agora de uma boa oportunidade para lhe examinar o aspecto. Era de baixa estatura, muito magro e aparentemente muito débil. Trazia as roupas de um modo geral sujas e esfarrapadas; porém, ao ser de vez em quando iluminado pelo brilho cru de um candeeiro, apercebia-me de que o tecido, embora sujo, era de boa textura; e, ou a minha vista me iludiu, ou, através de um rasgão do roquelaure (Espécie de capote sem mangas, até ao joelho) abotoado até acima e obviamente em segunda mão que o envolvia, entrevi um diamante e um punhal. Estas observações espicaçaram-me a curiosidade e resolvi seguir o estranho, fosse qual fosse o seu destino.

Era já noite cerrada e um nevoeiro espesso e húmido pairava sobre a cidadé, não tardando a converter-se numa chuva grossa e ininterrupta. Esta mudança de tempo produziu um estranho efeito sobre a multidão, que imediatamente se agitou em massa num novo movimento e se eclipsou sob um mundo de guarda--chuvas. As hesitações, os empurrões e o ruído tornaram-se dez vezes maiores. Por mim, não me preocupei grandemente com a chuva — uma vaga febre antiga tornava-me a humidade um tanto perigosamente agradável. Atando um lenço em torno da boca, prossegui. Durante meia hora o velho continuou a abrir caminho com dificuldade ao longo da extensa artéria. Como nem uma só vez voltou a cabeça para trás, não deu pela minha presença. Acabou por passar a uma rua transversal, que, embora pejada de gente, não registava tanto movimento de pessoas como a artéria principal que abandonara. Nesta altura, foi visível uma mudança na sua atitude. Caminhava mais devagar e menos decididamente do que antes — de modo mais hesitante. Atravessava a rua para um lado e para o outro sem qualquer motivo aparente; e a multidão era ainda tão compacta que, a cada um desses movimentos, me via obrigado a segui-lo de perto. A rua era estreita e comprida, e ele continuou a percorrê-la durante cerca de uma hora, espaço de tempo em que os transeuntes tinham diminuído até ao número aproximado que habitualmente se observa à tarde na Broadway, junto ao Parque — tão grande é a diferença entre uma multidão em Londres e na mais frequentada das cidades americanas. Uma segunda mudança de direcção conduziu-nos a uma praça bem iluminada e transbordante de vida. E a atitude do estranho reapareceu. Deixou cair o queixo sobre o peito, enquanto os olhos giravam desordenadamente sob as sobranceiras franzidas, em todas as direcções, para todos os que o cercavam. Firme e perseverantemente, estugou o passo. Surpreendeu-me, porém, descobrir que, depois de ter dado a volta à praça, regressou pelo mesmo caminho. E mais espantado fiquei ainda ao vê-lo repetir várias vezes o mesmo trajecto — de uma delas por pouco não me detectando, ao dar meia volta num movimento brusco.

Passou outra hora neste exercício, finda a qual se notavam muito menos interrupções causadas por outros transeuntes do que anteriormente. A chuva caía

fortemente, o ar esfriava e as pessoas regressavam aos seus lares. Com um gesto de impaciência, o velho errante passou a uma rua secundária comparativamente deserta. Durante toda essa rua, que tinha cerca de quatrocentos metros, correu com uma agilidade de que eu nem por sombras suspeitaria num homem tão idoso e que me criou grandes dificuldades para o perseguir. Daí a poucos minutos desembocámos num amplo e tumultuoso bazar, com cuja disposição o estranho parecia bem familiarizado e no qual surgiu uma vez mais a sua atitude inicial, ao abrir caminho para um lado e para o outro, sem objectivo, por entre o magote de compradores e vendedores.

Durante os noventa minutos, aproximadamente, que passámos nesse lugar, foi-me necessária grande cautela para o não perder de vista sem lhe despertar a atenção. Felizmente levava galochas de borracha, pelo que podia deslocar-me no mais completo silêncio, e assim ele nunca se apercebeu de que o observava. Entrava numa e noutra loja, sem perguntar o preço fosse do que fosse e sem pronunciar palavra, olhando para todos os objectos com uma expressão estranha e ausente. Sentia-me agora completamente atónito com o seu comportamento e firmemente resolvido a não me separar dele até ter de algum modo satisfeito a curiosidade que me despertava.

Um relógio estridente bateu as onze, e toda a gente se apressou a abandonar o bazar. Um lojista, ao colocar um taipal, empurrou o velho, e vi instantaneamente um forte estremecimento sacudir-lhe o corpo. Precipitou-se para a rua, olhou ansiosamente em redor por um momento e a seguir desatou a correr com incrível rapidez por entre várias ruas sinuosas e desertas, até desembocarmos novamente na grande artéria de onde havíamos partido — a rua do Hotel D ... No entanto, o aspecto da rua já não era o mesmo. Brilhava ainda sob a luz do gás; mas a chuva tombava violentamente e viam-se poucas pessoas. O estranho empalideceu. Deu taciturnamente alguns passos ao longo da avenida antes apinhada de gente e depois, com um pesado suspiro, virou em direcção ao rio e, metendo por uma série de caminhos tortuosos, acabou por ir parar defronte de um dos principais teatros. A sala estava prestes a encerrar, e o cacho público atravessava as portas de saída. Vi o velho arquejar como a ganhar fôlego ao embrenhar-se na multidão; mas pareceu-me que a intensa agonia da sua expressão se desvanecera em certa medida. Deixou novamente pender a cabeça sobre o peito, e pareceu-me tal qual o vira pela primeira vez. Reparei que agora tomava o rumo segundo o qual a maior parte do público avançava mas, de maneira geral, era-me difícil compreender as suas caprichosas atitudes.

À medida que ele progredia, o grupo começou a rarear, e ele revelou novamente o mal-estar e a hesitação anteriores. Durante algum tempo seguiu de perto um grupo de uns dez ou doze foliões, mas os seus componentes foram, um a um, ficando pelo caminho, até restarem apenas três, numa estreita e lúgubre rua pouco frequentada. O estranho deteve-se e, por instantes, pareceu perdido em pensamentos; depois, com todos os indícios de agitação, meteu rapidamente por um caminho que nos levou à orla da cidade, em zonas muito diferentes das que até então tínhamos atravessado. Tratava-se do bairro mais insalubre de Londres, onde

tudo apresentava as piores marcas da mais deplorável miséria e do mais nefando crime. A luz difusa de um ou outro candeeiro, viam-se casas de madeira altas, antigas e corroidas pelos vermes, ameaçando desabar, e em tantas e tão caprichosas direcções, que mal se distinguia entre elas sombra de passagem. As pedras da rua estavam espalhadas ao acaso, deslocadas do seu lugar pela erva que crescia luxuriante. Nas valetas obstruídas apodrecia uma imundície horrível. Toda a atmosfera respirava abandono. No entanto, à medida que avançávamos, os sons da vida humana iam-se reavivando gradualmente a um ritmo bem perceptível, e por fim começaram a ver-se grupos da gente mais abandonada da população de Londres, caminhando para um lado e para o outro. Registou-se um ligeiro fulgor de animação no estado de espírito do velho, como um candeeiro perto da hora de se extinguir totalmente.

Mais uma vez avançou com passo elástico. De repente, ao virarmos uma esquina, um clarão bateu-nos subitamente no rosto e encontrámo-nos diante de um dos enormes templos suburbanos da Intemperança — um dos palácios do demónio Gim.

Era quase de madrugada, mas uma série de ébrios miseráveis apinhava-se ainda junto da ostentosa porta, uns entrando e outros saindo. Quase com um grito de alegria, o velho abriu caminho até ao interior, recobrou imediatamente a expressão inicial e começou a deslocar-se para trás e para a frente, sem objectivo aparente, no meio da multidão. Todavia, passado pouco tempo naquela ocupação, uma corrida em direcção às portas revelou que o proprietário ia fechar por aquela noite. Foi algo de mais intenso ainda que o desespero o que observei na fisionomia do indivíduo que tão pertinazmente espiava. No entanto, sem, hesitar na sua carreira, com louca energia, voltou imediatamente pelo mesmo caminho, em direcção ao coração da grande Londres. Correu depressa e por longo tempo, enquanto eu o seguia no maior espanto, resolvido a não abandonar a observação em que agora sentia um interesse completamente obsessivo. O Sol nasceu enquanto prosseguíamos o caminho e, quando uma vez mais chegávamos ao mais frequentado centro comercial da populosa cidade, a rua do Hotel D..., já ela apresentava um aspecto de agitação e actividade humanas pouco inferiores às que observara na tarde anterior. E ali, entre a confusão que aumentava a cada momento, continuei ainda a perseguição do estranho. Porém, como de costume, ele andava para trás e para a frente, e durante todo o dia não passou além do turbilhão dessa rua. E, ao caírem as sombras da segunda noite, principiei a sentir um cansaço mortal e, detendo-me mesmo em frente do velho errante, olhei-o intrepidamente no rosto. Longe de reparar em mim, ele prosseguiu o seu passeio solene, enquanto eu, abandonando a perseguição, permanecia imerso em meditações.

— Este velho — disse finalmente — é o tipo e o génio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o homem da multidão. Debalde continuaria a segui-lo, pois nada mais saberei dele ou dos seus actos. O pior coração do mundo é um livro mais repelente que o Hortulus Animæ, e talvez não passe de um dos grandes actos da misericórdia divina o facto de es lasst sich nicht lesen.